



Macbeth de repente

Autores

Gigio Brunello e Gyula Molnar

Realização

Gyula Molnar

Ano

2002

Enredo:

Macbeth de repente

Drama em dois actos para fantoches livremente inspirado ao W. Shakespeare.

O titereiro desculpa-se com o público: o Macbeth não será representado por causa de contratemplos devidos à construção dos novos fantoches. Em lugar da tragédia ele vai fazer uma comédia utilizando máscaras da Commedia dell'arte e da mesma barraca que ele tinha pensado para o Macbeth. Não uma comédia qualquer, mas “O emigrante ciumento”, um inédito de Carlo Goldoni. O espectáculo começa com Arlecchino recalcitante e ofendido que, aproveitando dos momentos de distração do titereiro, conduz a revolta: eles próprios, os cómicos da Arte, vão por em cena Macbeth. O primeiro que paga os custos é o titereiro, o rei Duncan que está na barraca.

O texto, escrito a quatro mãos, está organizado em dois actos:

Primeiro acto. Através do jogo literário, emergem, dos arquivos goldonianos, personagens e piadas. O melancónico tecedor que em “Uma das últimas noites do Carnaval” abandoa Veneza para emigrar para a Rússia, aqui se torna o tipógrafo Rodolfo Barbieri que, injustamente perseguido, foge para as Américas. Federigo Rasponi está no seu alcance, mas ele, graças à némesis histórica, se vendica do papel do Emigrante ciumento. Pantalone descobre ter um filho, o Lelio de “O mentiroso”, mas um equívoco fatal o faz topar com a morte na mesma altura da reunião.

Através da revisitação literária, cruzam-se também os diálogos da conspiração em acto nos bastidores e isto introduz situações burlescas e de teatro no teatro.

Segundo acto. Utiliza-se uma síntese do texto do Shakespeare sem alterar a força evocadora e o poema da palavra. A atenção está dirigida para o percurso, sem saídas, do Arlecchino-Macbeth que vai ao encontro com o seu destino.

Personagens principais e escolhas interpretativas:

Arlecchino-Macbeth: encara o dilema existencial do vestir a máscara, vestir o traje, ser um bocado astuto e um bocado patife sabendo que nunca poderá renascer diferente; ele teima em fazer uma parte que não é a sua, atribuindo-se as consequências de um guião sem saída.

Brighella/ Lady Macbeth: o amoral, aceita de personificar Lady Macbeth e exalta-se em repetir deixas cruéis e sanguinárias. O que o faz parar será só uma consciência artificial, a mão gelada do rei morto, a prova que tem que ser escondida e que ele vai por dentro de si, entrando novamente dentro dos percursos inelutáveis do texto.

Pantalone/Macduff: representa a dignidade que provem da profissão. Eles são máscaras de cabeça erguidas, cada um tem que fazer bem a própria parte, sem caprichos, e como recompensa receberão os aplausos do público. Quando cede às fraquezas devidas à idade, o projecto do Arlecchino consegue conquistá-lo.



Por culpa daquela espada verdadeira, autêntica, para humanos, que o fantoche nunca teve nas mãos. Balanzone/Banquo: participa na conspiração um pouco distraído, com a preocupação de perder o emprego e consciente das amnésias temporárias que o apanham à traição no meio da cena. Atirado lá no meio do camarote, sozinho, para encarar o público, acontece-lhe de perguntar-se: Que estamos a representar? E quem sou eu? Mas o sangue é verdadeiro ou pura ficção?

Ficha técnica:

Macbeth de repente. Obra teatral livremente inspirada ao Macbeth de Shakespeare.

Autor: Gigio Brunello posição SIAE 49107 e Gyula Molnar posição SIAE 822974

Registo SIAE: 849474A

Actos: Dois actos breves

Duração: 1 hora e 20 minutos

Animação: titereiro solista

Idade: para adultos (de 10 anos em diante)

Materiais técnicos: a companhia é autónoma no que diz respeito luzes e som

Exigências técnicas: instalação corrente eléctrica, cargo 3 kw

Ambiente protegido e escurecível

Melhor seria se a barraca pudesse ficar num plano ligeiramente elevado em relação ao público.

Impossível a visão de degraus ou arquibancadas.

Recensões:

[Il Giornale di Vicenza, 2 de Abril 2002](#)

Antonio Stefani

Fantoches. Grande técnica e incrível mistura de géneros

“Macbeth de repente” é um inquietante Arlecchino

Vicenza. Depois ter contado os *pupi* na Astra, agora deixem nos falar dos fantoches no San Marco. Os do “Teatrino della Marignana” que precederam as recentes entregas de prémios do festival “Máscara de ouro Fita” e que ofereceram o espectáculo mais desestabilizador deste período. É possível qu sejam eles mesmo, os fantoches? É possível sim. Porque misturar um improvável quanto verosímil enredo goldoniano com o Macbeth de Shakespeare, jogando para além disso ao teatro no teatro, não é coisa que poderiam fazer os actores em carne e osso.

O orgânico da companhia em miniatura é aquele tradicional, com o Arlecchino, o Brighella, o pantalone, o Balanzone, os namorados, etcetera, mas o andamento da representação é um bocado anárquico, o enredo da comédia *O migrante ciumento* parece um apuro entre *O servidor de dois patrões*, *O mentiroso*, *Uma das últimas noites de carnaval*, e além disso a tropa das cabeças em madeira têm outros planos. Uma tragédia. O inominável Macbeth com as suas bruxas, a terrível Lady, Banquo e Macduff, o mato de Birnam e tudo o mais.

O Arlecchino será portanto o visionário protagonista disposto a matar para se tornar rei, o Brighella com uma cabeleira será a sua esposa, o Pantalone será um Macduff armado de espadão e assim de seguida, num contexto caricatural mas não demais, onde o espectador se perde entre drama e gargalhadas, numa situação cénica onde os bonecos, aptos a alienação brechtiana, cedo percebem



que no fundo não vai ser tão mau voltar ao bondoso esfregão goldoniano, mas entretanto a fosca história escocês continua e o Arlecchino-Macbeth no fim está claramente trespassado. Tanto que o titereiro Gigio Brunello sai do caixão para os agradecimentos com a cândida camisa toda enodada de vermelho, como se em cima dele fosse caído à serio o sangue dos matados.

Assim é o *Macbeth de repente* realizado por Gyula Molnar, episódio de irrepreensível técnica e de incrível mistura de vários géneros. Engraçado e gelador. Aliás, se já não existem as tenras crianças de outrora, é inevitável que não haja nem os mais sossegados fantoches.

La Repubblica, 11 de Junho 2004

Alfonso Cipolla

Quando um boneco conta histórias sublimes

“Imagens do interior”, o festival internacional de teatro de figura organizado em Pinerolo, festeja a sua décima edição. É uma meta não de pouco valor, sobretudo se consideramos que nestes últimos anos a manifestação cresceu muito, adquirindo uma sua própria fisionomia, e tornando-se um ponto de referência. Há dois anos o festival engloba dentro das propostas a Montra do Teatro de Figura Piemonte: uma oportunidade para o confronto para as vinte companhias que trabalham na Região, capaz de atrair muitos operadores, estrangeiros também. À montra está associado o prémio “Gianduia de trapos” para as produções mais significativas. Para além da visibilidade oferecida aos grupos e aos espectáculos, trata-se duma autêntica oportunidade para crescer, porque amplos espaços estão reservados a encontros e debates. Isto é pelo menos o espírito com que Damiano Previtera e Georgina Castro, animadores do festival, entenderam a montra, para imprimir um novo curso ao teatro de figura piemontês, que sempre mais está presente ao nível europeu. Mas chegamos aos espectáculos do festival. Começa hoje à noite com dois apontamentos para a grande abertura. Às 21 na praça San Donato o Bululu Teatro de Horacio Peralta, genial titereiro argentino mas parisiense de adopção, apresenta *Rosa, Verde y a Mano furiosa*, hilariante história de dois crocodilos namorados. Às 22 na igreja San Giuseppe irá em cena mais bonito e inteligente espectáculo produzido nos últimos anos. Trata-se do *Macbeth de repente* do “Teatrino della Marignana” de Gigio Brunello: a não perder por qualquer razão para quem quizer gozar duma hora de grande teatro. No sábado às 23.30 é preciso apontar na galeria En Plein Air o onírico, visionário espectáculo *Seule au bain*, que a fascinante Vanessa Valk sacou da obra de Cocteau.

De domingo até terça vão se alternar nos vários palcos os grupos convidados para o montra, entre os outros o Teatro Alegre, o Dottor Bostik, Oltreilponte Teatro, o Melarancio, e outros artistas e titereiros quais Gianluca di Matteo, Cristiana Daneo e os irmaos Ochner. Entre as companhias estrangeiras em programação na próxima semana merecem ser seguidos os espectáculos de Iordi Bertran *Poemas Visuales* (quarta feira, às 22.30), *Antologia* (sexta feira, às 22.30), e *El circo màs pequeño del mundo* de Pepe Ontal: um dos maiores representantes da titereria internacional, mestre indiscutível de gerações de titereiros. O festival vai acabar no sábado com a tradicional festa em rua Principi d’Acaja convertida num grande palco capaz de acolher dezenas de espectáculos. Info 0121/77893

Associação Nacional dos Críticos de Teatro

Prémio da Crítica teatral 2002

Macbeth de repente. A associação Nacional dos Críticos de teatro atribuiu o Prémio da Crítica 2002 ao *Macbeth de repente* de Gigio Brunello e Gyula Molnar, dirigindo assim pela primeira vez a



atenção ao teatro de figura. O seu objectivo não é tanto reparar uma injusta omissão, quanto solicitar uma atenção maior para aqueles âmbitos da cena que, amiúde, são considerados injustamente de menor importância.

Macbeth de repente demonstra que – ao lado dum teatro assim chamado “maior” e dum teatro de pesquisa “oficial” – existe uma forma de espectáculo capaz de obter sucesso em faixas de público muito várias por idade e instrução, aberta às concepções mais modernas da cena, naturalmente sensíveis às trocas entre diferentes disciplinas artísticas, capazes de misturar a tradição dos fantoches e dos da Commedia dell’arte com a experimentação dramaturgica. Ao longo do espectáculo, que junta dois artistas originais e com uma forte personalidade com Brunello o Molnar, tudo acontece com a leveza da ironia e a cumplicidade dum sorriso. E isto também é um mérito.

Cabeças de madeira, só cabeças de madeira

O insustentável vertigem do imprevisto

“A tragédia prevista para hoje não irá em cena”. Palavra de titereiro, que sai da barraca e em voz baixa pede desculpa. *Macbeth de repente* começa com um monólogo que enuncia as razões de fundo: a estrutura metateatral; a questão do repertório; o alargamento das possibilidades de representação dos fantoches tradicionais, animados através luvas e na barraca; a reticência e o medo dos protagonistas do teatro de figura; a fundamental solidão do animador; a ambígua colocação do gosto do público e a construção do mercado; o difícil controlo dos instrumentos de expressão e representação, na altura em que todos os códigos foram quebrados; a consciência de que o teatro contemporâneo, depois da crise da animação tradicional, as revoluções do Novecento e o Novo Teatro, agora dispõe de muitos recursos e ferramentas.

Pier Giorgio Nosari